

As viagens de Máiquel pelo
Mundo Perdido, de Patrícia Melo

Máiquel's travels by the
Mundo Perdido, *of Patricia Melo*

Daiana **Nascimento dos Santos**
Universidade Estadual de Santa Cruz

Fernando **Reis de Sena**
Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo

Sabemos que a ação de migrar tornou-se uma estratégia de sobrevivência dos povos que almejavam melhorias de vida. O estudo, de cunho bibliográfico, revisa os conceitos de migração, exílio e suas variantes desexílio e insílio, desenvolvidos por Miriam L. Volpe (2003 e 2005), e analisa a condição de narrador-viajante do protagonista Máiquel, do romance **Mundo perdido** (2006), da escritora brasileira Patrícia Melo. Tomaremos para análise o regresso de Máiquel como a viagem mais significativa pela complexidade que representa.

Palavras-chaves: Migração. Exílio. Narrador-viajante. Patrícia Melo.

Abstract

*We know that the action of moving has become a survival strategy for people who craved life improvements. This study with bibliographic nature reviews the concepts of migration, exile and desexílio and insílio variants, developed by Miriam L. Volpe (2003 and 2005) and analyzes the Maiquel protagonist-narrator traveler condition of the novel **Mundo Perdido** (2006), of the Brazilian writer Patrícia Melo. We will take to analyze the return Maiquel as the trip more meaningful by the complexity that is.*

Keywords: Migration. Exilie. Traveler-narrator. Patricia Melo.

Na literatura, como na história da humanidade, termos como migração e exílio fazem parte da formação histórica das sociedades e do homem. Na Antiguidade, os egípcios migravam em busca de água para o cultivo e a criação de gado ou levados por calamidades naturais. Posteriormente, os motivos estavam relacionados também à política, à religião, à economia, etc. (BADI, 2012). Deslocar tornou-se, dessa forma, uma das principais estratégias de sobrevivência do homem tanto nas eras primitivas como na modernidade.

Em narrativas como *Odisseia*, de Homero, e *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, esses deslocamentos acontecem por meio das grandes viagens marítimas, objetivando, por meio dos feitos heroicos de seus protagonistas, construir ou solidificar o conceito de nação e, por conseguinte, o de identidade.

As viagens como retiradas ou fugas de catástrofes naturais estão presentes em vários momentos da literatura¹: *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos, *Seara vermelha* (1946), de Jorge Amado, *Morte e vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, *Essa terra* (1976), de Antônio Torres, *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector, entre outros.

Diferente das epopeias, essas narrativas não apresentam elementos alegóricos como barcos e navios, que auxiliavam o trânsito das personagens pelos mais variados caminhos. No caso das obras mencionadas, os que migram dei-

¹ Ademais, esse assunto está presente no cinema brasileiro desde os filmes de Glauber Rocha ao contemporâneo *Que horas ela volta?* (2015), de Anna Muylaert. Este tema não é objeto de nosso estudo, portanto não nos aprofundaremos nessa discussão.

xam suas terras de origem a pé, em cima de animais de carga ou em transportes precários rumo aos destinos desconhecidos, principalmente entre o eixo Rio-São Paulo, que por muitos anos se firmou como o destino mais cobiçado dos que se retiraram com o objetivo de melhorar de vida. No decurso, muitos retirantes passam por provações de fome e sede, alguns conseguem chegar ao destino, outros não são bem-sucedidos – regressam para sua terra ou vivem da informalidade.

No caso do romance em estudo, as viagens do protagonista Máiquel pelos “buracos” do Brasil acontecem por inúmeros motivos, os quais serão abordados mais adiante. Este trabalho surge com a inquietação de revisar os conceitos de migração, exílio, *desexílio* e *insílio* sob a ótica da pesquisadora brasileira Miriam Ligia Volpe (2003 e 2005), aplicando-os na referida narrativa para se pensar os sentidos dessas viagens e quais os Brasis que serão revelados sob a ótica do narrado-viajante.

1 DOS CONCEITOS

No *Glossário sobre migração*, desenvolvido pela Organização Internacional para as Migrações (OIM), o termo migração está definido como

Movimiento de población hacia el territorio de otro Estado o dentro del mismo que abarca todo movimiento de personas sea cual fuere su tamaño, su composición o sus causas; incluye migración de refugiados, personas desplazadas, personas desarraigadas, migrantes económicos (2006, p. 38).

Etimologicamente, a palavra vem do latim *migratio* e significa ação ou resultado de migrar, de passar de um país para outro; deslocar-se de um lugar externo ou interno ao seu país; sair ou retirar-se em busca de melhores condições de sobrevivência. Segundo a OIM, as migrações podem ser: assistida; clandestina; de retorno; espontânea, facilitada; forçada; ilegal; individual; interna; internacional; laboral; massiva; líquida; ordenada; regular e total.

Por sua vez, o verbete exílio, do latim *exilium*, sempre esteve ligado às conotações políticas e significa, segundo o dicionário Aulete: 1 – Ação ou resultado de (se) exilar; 2 – Expatriação, compulsória ou voluntária; degredo; desterro; 3 – Lugar onde vive o exilado; e 4 – Lugar solitário, retirado. Exiliar-se não pode, dessa forma, ser entendido unicamente como ação forçada de retirar-se para outros países, mas também sair do próprio domicílio e, principalmente, estar isolado ou excluído do convívio social, a tornar-se o Outro – sujeito em condição de estrangeiro, conforme Júlia Kristeva (1994).

Para Kristeva, estrangeiro “é aquele que não pertence à nação em que estamos, aquele que não tem a mesma nacionalidade” (1994, p. 101) e considera ser o estrangeiro um estranho dentro de nós mesmos, uma estranheza que nos perturba: “O estrangeiro está em nós. [...] O estrangeiro está em mim, portanto, somos todos estrangeiros” (1994, p. 201-202). Ser estrangeiro, na acepção de Kristeva, ultrapassa as definições de ser-e-estar em outro país que não seja o nosso.

Estrangeiro é, portanto, o estranho em terra estranha, não se sentir parte do meio e ser ao mesmo tempo parte deste, por mais que se sinta excluído em relação ao que ali habita. Dada essa constatação, é possível aferir aos que migram o *status* de estrangeiros, não porque saíram da pátria, mas por estarem privados dos direitos políticos e sociais “assegurados” aos homens e cidadãos locais e negados àqueles que chegam.

Miriam Ligia Volpe (2003, p. 48) afirma:

Além da acepção de exílio como afastamento territorial do lugar ao qual se pertence – o destierro (deslocamento que traz consigo a ideia de perda, de desenraizamento) –, parece relevante deslocar o marco histórico e coletivo do mesmo e considerar [...] o seu aspecto de estrutura interna, condição mental, estado de ânimo, atitude.

Todo esse processo de marginalização deflagra o *insílio*, conforme Volpe analisa no cidadão montevidense de Mario Benedetti:

[...] mesmo dentro de seu próprio país, esse cidadão parece viver alienado da realidade, numa espécie de exílio interior. Uma alienação, no sentido filosófico e humanístico, como o exílio do exercício responsável do poder do homem: o exílio da livre e responsável aegis dos poderes de iniciativa, para tentar reverter a situação (2003, p. 48).

Ou seja, a mudança geográfica é parte secundária do exílio. Notamos que a preocupação não é pensar o exílio unicamente como deslocamento de um lugar para outro, mas o que resulta sobre o homem, em especial os efeitos psicológicos. Esse exílio interior funcionaria “como resposta e oposição de uma comunidade desconectada, alienada, no estranhamento da sociedade em relação às instituições com que compactuou para poder ter uma referência de seu mundo e instituir esse mundo como o mundo” (VOLPE, 2005 p. 82). Dessa forma, o cidadão, numa crise interna consigo mesmo, trona-se o estrangeiro em sua própria origem. O *insílio* seria, portanto, “um vazio que pode ser preenchido através do sonho de se desfazer a alienação” (2005, p. 84). Para Volpe (2003, p. 48),

Raramente, nos estudos sobre o exílio, se tem falado do vazio deixado pelo êxodo, nem de suas repercussões sobre as pessoas que ficam (ILIE, 1980). Nesse sentido, aparece, na obra de Benedetti, um exílio residencial, ou insílio, sofrido pelos cidadãos que foram forçados pelas ditaduras a adotar uma atitude passiva e uma semi-impotência que os destitui de sua autonomia moral e de sua iniciativa psicológica e também pelos que foram encarcerados e destituídos de todos os seus direitos.

E, “dado que o exílio, como conceito e como experiência, pode ser considerado bilateral se percebido em sua inter-relação com o não exílio, implícito na nostalgia do que foi perdido, ou deixado para trás, e no desejo da volta” (, p. 49), surge na escrita de Mario Benedetti a variante – *desexílio*, entendido como o regresso daquele que foi, o reconstruir, recompor ou reparar. Mas essa variante desencadeou no próprio escritor a *contranostalgia*, uma nova acepção de pátria.

Após ter perseguido tantos sonhos em suas tantas viagens por tantas geografias, ele sente que se converteu em um verdadeiro entroncamento de culturas. Junto a uma concreta esperança de regresso, junto à sensação inequívoca de que a saudade torna-se, para ele, numa nova noção de pátria, é possível vislumbrar que esse lugar estaria ocupado pela *contranostalgia* do que se tem no exterior e vai ser deixado: a curiosa nostalgia do exílio em plena pátria (VOLPE, 2003, p. 49).

Volpe chama a atenção para a necessidade de refletir sobre o tempo, uma vez que todo deslocamento implica sua dupla passagem, o que ele segue no exílio e o que transcorre em sua terra de origem. Assim, revisar os conceitos de migração e exílio torna-se importante para pensar em que condição podemos atribuir ao sujeito que se retira de sua terra de origem o *status* de viajante, o que este traz de experiência das suas viagens para os que o observa. E ainda refletir sobre as definições dicionarizadas para o verbete: 1 – Deslocamento de um lugar a outro, geralmente em distância longa; jornada; e 2 – Esse deslocamento, com um período de estadia no lugar de destino para turismo, trabalho, etc.

2 MÁIQUEL: O SUJEITO EXILADO EM SUA PRÓPRIA TERRA

Em *Mundo perdido*, as viagens e os deslocamentos estão presentes ao longo de todo o enredo. Neste romance, Patrícia Melo recupera o protagonista Máiquel dez anos após suas desventuras em *O matador* (1995) – narrativa que se desdo-

bra sobre a ação de Máiquel como assassino profissional, cujo objetivo seria eliminar os abjetos que atrapalhavam o *status quo* de uma sociedade segregada entre centro/periferia: o estuprador, o ladrão, etc. Tornou-se o justiceiro de uma cidade sem lei, o Cidadão do Ano para os que financiavam as atrocidades que cometia, além de assassinar a própria esposa, Cledir. Dez anos se passaram e Máiquel reaparece em **Mundo perdido**, não com a mesma sagacidade, audácia e ousadia. Ele está mais maduro e cauteloso, entretanto mais vingativo e continua a matar, não como profissão, mas como meio de sobrevivência.

O Máiquel está aqui. E vai continuar vivo. Porque o Máiquel aguenta o tranco. O Máiquel é forte. Uma pena a gente não poder matar a mesma pessoa duas vezes. Talvez assim eu conseguisse parar de pensar nessas coisas, pensar em tudo o que aconteceu. Dez anos se passaram, e eu não estava nem um pouco a fim de esquecer. Ainda lembrava de tudo, tintim por tintim, com a maior vontade de cavar os detalhes (MELO, 2006, p. 20).

Entre as duas narrativas, notamos a primeira viagem, a mais significativa para pensarmos o degredo e o desexílio. É o reencontro entre esses dois Máiquel. No primeiro, vimos a busca pela sua legitimidade, uma identidade como homem que quer ser respeitado diante dos demais e para isso se apoderar de um *status* que ao mesmo tempo lhe dá autonomia para pensar a sua liberdade, mas também como um fantoche de uma burguesia insegura e corrupta, que busca nele o encurtamento das leis oficiais. Sai do anonimato para se tornar uma subcelebridade, manipulável aos que o patrocinavam com títulos, tratamentos dentários e outras regalias. Ou seja, Máiquel é uma mercadoria do sistema capitalista.

E finalmente a hora da medalha. Houve um tempo em que eu acreditava que talão de cheques e mulheres eram a base da felicidade. Subi no palco. Dinheiro ajuda, mulher melhora tudo, mas é a fama que reinventa a vida de um homem, foi isso que eles me ensinaram, naquela noite aplaudiram-me. Abraçaram-me. Fotografaram-me. Pediram para que eu falasse. Eu falei que estava pensando em me candidatar a vereador. Eles gostaram muito. A medalha, que coisa bonita é uma medalha (MELO, 1995, p. 166-167).

No segundo, notamos a crise dessa identidade, há um sujeito que não se encontra no mundo, está alienado consigo mesmo e com os fatos e as circunstâncias que o cercam, é o início de sua desconstrução: “Do Homem do Ano ninguém se lembra mais. Dos serviços prestados à comunidade. Da corja que eu tirei da

rua, isso todo mundo esqueceu. Vez ou outra, os caras se lembravam de mim, mas era sempre numa matéria sobre assassinos perigosos” (MELO, 2006, p. 26-27). Máiquel deixava de ser o loiro sanguinário e reconhecido para virar um moreno socialmente invisível entre tantos outros como ele, periférico e pobre. Como mercadoria, perdeu sua validade, tornou-se descartável. Talvez não tenha compreendido que sua posição agora é a mesma da “corja” que eliminou da sociedade no passado. Os títulos de Cidadão do Ano e justiceiro não significam nada diante da atual conjuntura. Seu medo, pensamos, seja o aparecimento de outros justiceiros que o eliminem, como fez com tantos outros iguais.

Na última ação em *O matador*, Máiquel encontra-se inquieto e temeroso quanto o ser-e-estar no mundo, e a solução é a fuga:

Eu não queria saber de nada do que estava acontecendo, queria deixar tudo para trás, ir em frente até encontrar um buraco e me meter nele, no buraco, me esconder, no buraco, até o frio acabar, até chegar a hora de sair (MELO, 1995, p. 204).

Inicia-se, então, seu exílio, não em outro país, mas em sua própria terra de origem, que perdurou por dez anos. Máiquel ressurgue em *Mundo perdido* com o *status* de foragido. Estava em Nova Iguaçu, no Estado do Rio de Janeiro, após assassinar a primeira esposa, Cledir, com a qual teve uma filha, Samanta. Seu retorno à periferia de São Paulo acontece porque Rosa, sua tia, faleceu. As lembranças da vida que tinha antes, a filha que nunca conheceu porque Érica, a segunda esposa, a levou para lugares desconhecidos, deflagrarão as outras viagens do protagonista pelo Brasil.

Se na análise de Volpe o cidadão se exila forçosamente por motivos políticos, ligados a regimes ditatoriais e autoritários, o protagonista de Patrícia Melo se exila ou migra para sobreviver, ou melhor, fugir de uma espécie de cadeia alimentar em que ele estava destinado à presa.

Muito antes de voltar para São Paulo, depois que Érica fugiu, logo depois que tudo desmoronou, quando minhas fotos apareciam nos jornais, quando as televisões e as rádios falavam de mim, quando eles estavam em todo lugar, os policiais, me procurando, pensei que nunca mais ia conseguir sentir o que era isso, sair na rua, invisível, anônimo, livre, sem ninguém me perseguindo, me aporrinhando. Eu não podia ir até a esquina. E, quando tudo piorou, tive que me enfiar numa série de muquifos por aí, ficar meses trancafiado, olhando para o teto, o revólver sempre debaixo do travesseiro. Achei que minha vida nunca mais ia voltar ao normal (MELO, 2006, p. 55).

O regresso/desexílio de Máiquel pode ser entendido como uma busca de tudo que ele perdeu durante os dez anos que ficou fora, a descrição que faz do que conquistou como assassino profissional, os títulos e o respeito, configura-se em um sentimento nostálgico da terra que deixou para trás, renascendo o desejo de volta (VOLPE, 2003).

Nas primeiras andanças de Máiquel após o retorno, encontramos o estranhamento da personagem ao novo modo de vida dos que ficaram e dos espaços/lugares que ocupava e transitava: “Fazia quase dez anos que eu não vinha para São Paulo. Todo mundo construindo seu próprio barraco, eu vi pela janela de ônibus. Lajota, pau, lata, valia qualquer coisa. Menos tina. Tudo cinza. O trânsito amarrado. A mesma bosta de sempre” (MELO, 2006, p. 12). E continua:

Saltei do ônibus. Não havia pressa, nada para fazer. O dia estava bonito, céu azul, qualidade do ar, imprópria, dizia o painel da avenida. Menos árvores, notei. Mais cachorro. Mais barulho. Mais sujeira também. A praça. O bar do Gonzaga. Será que ainda era do Gonzaga? Passei anos pensando naquele lugar. Querendo voltar. Achando que seria bom voltar (MELO, 2006, p. 14).

Embora esse sentimento o tenha atraído às origens, Máiquel está desolado, em crise de identidade e de consciência com o sentimento de pertencimento a esta terra, não se encontra com os seus porque já não existem. Os amigos foram assassinados, e seu *status* de foragido o faz imaginar que a cidade está igual a quando saiu.

Agora, enquanto caminhava, eu pensava que essa história de lugar, na verdade, não fazia a menor diferença. Tudo era igual, ruas, casas, a cidade, quer dizer, tanto faz. Não mudava nada, estar ali. O lugar, não interessa qual, não traz nenhum tipo de paz. Cansei (MELO, 2006, p. 14).

No entanto, tudo mudou, menos sua condição de foragido, talvez por isso essa constante afirmação de que nada que vislumbra tenha mudado, pois sua marginalização diante do outro continua ou ficou mais aguçada. Independentemente do lugar, Máiquel continuará foragido, às margens do sistema no qual imaginava estar inserido, principalmente em *O matador*. Resta para Máiquel esse estado de insílio, o exílio interior provocado pela alienação da sua realidade, criando um mundo particular e ao mesmo tempo excluindo-se do convívio social.

Entretanto, encontramos nessa condição uma situação inusitada, pois o protagonista deseja essa exclusão, ele quer ser invisível, viver às margens, pois

só assim poderá chegar à filha, Samanta, sem ser preso pela polícia: “Eu sou invisível. Ninguém me vê. Isso foi ruim durante muito tempo. Hoje é bom (MELO, 2006, p. 55). Não poderia dar pinta, ser encontrado pela polícia, tinha de andar pelas vias ilegais do Brasil, falsificar documentos, voltar a matar para se livrar da prisão.

Levei um tempo para ser um nada novamente e para aprender que o Brasil é um imenso buraco, ninguém te acha se você não quiser. Ninguém te vê, essa é a verdade. Você pode sair. Só precisa esperar eles te esquecerem. E nem demora muito. Porque a verdade é que você não vale nada. Era assim que eu me sentia naquele dia, na Castelo Branco, a cem por hora. Um nada. [...] O que o mundo queria com a gente? Nada (MELO, 2006, p. 56).

Assim se consolida a personagem de Patrícia Melo – um estranho em sua própria terra, ou, como descrevem Volpe e Kristeva, um estrangeiro no próprio país. Indiferente com as transformações espaciais, Máiquel não se dispõe à realidade que o cerca, está fechado, rememora o passado que teve e busca por meio deste os caminhos para encontrar a filha e a segunda esposa, Samanta e Érica, respectivamente, além de se vingar do pastor Marlênio por tê-las levado e lhe denunciado à polícia pela morte de Cledir. É nessa busca que encontramos um narrador-viajante que nos revela a partir de suas viagens pelo Brasil. Nesse bojo, o narrador como viajante revela imagens de lugares “esquecidos” do Brasil.

O olhar de Máiquel é pessimista em relação à pátria, não há sentimento patriótico, tampouco seu olhar foge das mazelas percebidas nas sombras, as quais são reveladas porque o protagonista emerge delas, adentra os caminhos mais hostis e conhece pessoas mais desprezíveis, como o rapaz com o qual dialoga na primeira página de **Mundo perdido**: “No Brasil, ele dizia [o rapaz], não é nenhuma vergonha ter uma ordem de prisão contra você. Tanto faz, pobre, rico, branco, os caras lá em cima, digo, ministro, vereador, bambambã, todo mundo tem” (2006, p. 9). E prossegue:

Brasileiro é assim, escroto mesmo. Faz parte da nossa cultura roubar, sacanear. É como vítima de assalto, todo mundo é. E são tantos os ladrões, os corruptos, os filhos-da-puta, os assassinos, escroques, falsários, eles não dão conta de meter todo mundo na cadeia. Não tem espaço. Então a gente fica solto. É só não dar bandeira, ser invisível, andar numa boa, sabe como é? Não bata o carro, e não fique à noite zanzando por aí com preto. Porque primeiro eles vêm atrás dos pretos. É uma tradição (MELO, 2006, p. 9-10).

Máiquel e o rapaz reproduzem, conscientes ou não, os discursos do sistema opressor que os oprime. Máiquel começa a se reencontrar, cria amizades, busca favores com os que podem facilitar sua vida. O que pode ser entendido como um retrato do Brasil atual. Conhece Divani, amiga da falecida tia Rosa, a qual apresenta o cabo Bruno, sujeito que se tornara policial para vingar a morte do primo, assassinado por Máiquel em *O matador*. Bruno também é morto após dar voz de prisão a Máiquel. Reencontra seu ex-advogado, dr. Haroldo, vende a casa da tia, contrata um detetive e, enfim, descobre o primeiro destino de sua viagem/busca, Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Ao narrar a geografia da viagem/busca, Máiquel ao lado de Eunice, namorada da época que residia em Nova Iguaçu, constroem uma cartografia, um mapa das cidades pelas quais passam e apresentam as peculiaridades locais:

Em Castilho, perto de Jupia, havia uma multidão amontoada nos barrancos da beira do rio. O trânsito estava lento, pensei que fosse acidente, mas logo vi que todo mundo carregava sacos. Vai ver que é a cura do câncer, falou Eunice. Estão pegando peixes, disse uma mulher no carro ao lado, tem pintado a dar com o pau. Um homem com água até as canelas dava porradas num peixe enorme que só estava ali porque o nível da represa tinha descido muito (MELO, 2006, p. 66).

E sobre Campo Grande:

Saimos para comer. A noite estava quente, e Odécio, que conhecia bem Campo Grande, tinha dito para a gente ir na Feirona, um campo enorme, cheio de barracas, onde se vende de tudo [...] (MELO, 2006, p. 68).

Resolvi dar uma volta. Zanzei pela cidade, já conhecia o esquema de Campo Grande. Praia, serra, rio, não tem nada ali, é mesmo o que o nome diz, um campo sem fim. E tem muita farmácia, também (MELO, 2006, p. 74).

Campo Grande no começo me impressionou. Parecia pomposa, mas depois vi que era bem sem graça. [...] A verdade é que Campo Grande não tinha mais nada além daquelas avenidas, você entra ali e se impressiona com as ruas largas, mas, passados os primeiros faróis, logo via que o negócio acabava naquilo mesmo, um nada, Campo Grande, uma enganação (MELO, 2006, p. 75).

Máiquel nos revela um espaço sem atrativos turísticos, embora ele apresente características semelhantes a um turista. No entanto, a concepção que temos para o turista está relacionada ao lazer, aos fatores econômicos. Notamos que

essa viagem está relacionada ao primeiro conceito, o deslocamento para outro lugar, uma vez que não temos noção do tempo em que o protagonista continua na cidade. Em Campo Grande, Máiquel denuncia a exploração sexual e laboral de uma garota de 14 anos, que após a morte da mãe foi trocada pelo pai por uma vaca: “O seu ‘novo dono’ era um fazendeiro, homem ruim, que abusou dela todos os dias até ela conseguir fugir, fazia três anos. Não abusava simplesmente. Ela era obrigada a lavar, passar, esfregar, cavar, cozinhar, plantar, arrancar raiz e principalmente foder” (MELO, 2006, p. 81).

Sem sucesso em Campo Grande, Máiquel segue para o Estado de Roraima, no norte do Brasil: “Vi um mar de barracas de lona preta quando saí do carro. É um acampamento de sem-terra [...] (MELO, 2006, p. 93). E assim vai se formando um fluxo de viagens por lugares esquecidos do país. Passando pela Amazônia:

Nosso caminhão estava cheio de madeira, [...] estamos leiloando a Amazônia, subo e desço esse país, e o que vejo é soja. Soja e mais soja. E queimada também. Apuí, Lábrea, Manicoré, Boca do Acre, Novo Aripuanã, antes você chegava lá, era mata pura, aliás, você nem chegava lá, hoje você chega, e é só desmatamento. É tudo pasto, grão, madeira, é só isso mesmo. [...] E hoje, por exemplo, estou aqui, abarrotado de magno. Mas às vezes levo ipê. E também levo caminhão aos pedaços, ou vou dirigindo o bicho até o Paraguai, vou para a Bolívia, e nesses casos tudo nos trinques, como manda o figurino, com chassis alterado, placa nova, tudo certinho, novinho, legalizado (MELO, 2006, p. 106-107).

Até chegar à Bolívia:

A cidade era feia pra caralho. Suja. Não gostei nada da Bolívia. A Érica vivia dizendo que queria viajar para o exterior. América do Sul, ela dizia. O exterior era uma bosta, muito melhor o Brasil. Na verdade, aquele lugar parecia umas quebradas do Brasil. Até na televisão deles só tinha nossas novelas. Só dava para ver que era outro país por causa daquela língua, que me deixava nervoso. Uma cobra, aquela língua. Vai te enrolando todo (MELO, 2006, p. 128)

Essa sensação apresentada por Máiquel, de desolamento numa terra que não lhe pertence, configuraria um segundo desexílio, diferente do primeiro, uma vez que os motivos deste são o estranhamento da cultura local e a nostalgia pela sua pátria. Também poderíamos definir esse estado como a contranostalgia, “a curiosa nostalgia do exílio em plena pátria” (VOLPE, 2003, p. 49). De regresso

ao Brasil, Máique vai para Belém, capital do Estado do Pará, onde encontra o que tanto procurava: sua filha e Érica. Finalmente, vinga-se de Marlênio, mandando-o na presença de Samanta, filha do assassinado. Desolado, abandona tudo. E foge, terminando o romance com o mesmo status de foragido da lei.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou revisar os conceitos de migração, exílio e as variantes de sexílio e insílio tendo como corpus o romance **Mundo perdido**, da escritora Patrícia Melo. Vimos que as definições migrar e exilar são semelhantes, considerando-se a migração um tipo de exílio. A concepção de viagem ligada a turismo, lazer e uma saída espontânea do domicílio é revista a partir da situação de foragido do protagonista. Não há uma viagem, há fuga, buscas pelo que foi perdido. E por meio desses deslocamentos descobrimos o Brasil da informalidade e da clandestinidade. Máiquel nos revela as complexidades dos vários ‘Brasis’ que conformam a nação brasileira.

Tomamos o regresso de Máiquel como a viagem mais significativa pela complexidade que representa. A análise foi feita com base nos conceitos cunhados por Volpe: o exílio – a fuga de São Paulo e a instalação em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro; o desexílio – os sentimentos e as lembranças do passado somados com a perda de tia Rosa e a busca por Érica e Samanta, forçando-o a regressar e a tentar um recomeço; e o insílio – o estado de plenitude e alienação, o exílio interior provocado pela marginalização, pelo esquecimento e pelo desprezo dos que ele ainda ama.

Enfim, interessa-nos considerar que a representação do homem nos processos migratórios na literatura brasileira tem dado ênfase, principalmente, à “viagem” do sertanejo que foge da seca e da fome em busca de uma vida melhor, em especial na primeira metade do século passado, quando o intenso desenvolvimento do Sudeste atraiu mão de obra de outras regiões do país, destacando-se o Nordeste². O enredo de Patrícia Melo é de descobrimento e de formação, não só pelas experiências dos personagens, mas também pelos “descobrimientos” do Brasil que vão se revelando ao longo das viagens do protagonista. Essa “descoberta” inquieta-nos e convida-nos a viajar pelos rincões esquecidos do Brasil, e ao mesmo tempo transforma-nos por meio das experiências de seus personagens.

2 Entretanto, as narrativas contemporâneas têm problematizado não só o decurso, mas a força psicológica sobre os que migram como podemos observar em *Essa Terra*, do baiano Antônio Torres e *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector.

Referências bibliográficas

- BADI, Mbuyi K. *África en movimiento: migraciones internas y externas*. Madrid: Catarata, 2012.
- KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Trad. Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MELO, Patrícia. *O matador*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Mundo perdido*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ORGANIZACIÓN INTERNACIONAL PARA LAS MIGRACIONES. *Glosario sobre migración*. n. 7. Suíça. 2006. Disponível em: <http://publications.iom.int/system/files/pdf/iml_7_sp.pdf> Acesso em: 14 jul. 2016.
- VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. Impresso.
- _____. *Geografias de exílio: Mario Benedetti, um intelectual latino-americano*. Em Tese. Belo Horizonte, v. 7, p. 45-55, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/3566>>. Acesso em: 14 jul. 2016.